

Entrevista

Entrevista de Ehard Engler a Linha d'Água

L: Inicialmente, vamos pedir ao Professor que se apresente.

E: Meu nome é Ehard Engler. Sou da Alemanha Oriental, da ex-RDA e trabalho na Universidade de Humboldt de Berlim como brasilianista, uma palavra pouco usada na Alemanha, mas muito usada nos EUA, para descrever as atividades de um professor universitário ou de um especialista em problemas de Brasil. O nosso trabalho, antes da abertura do muro, se limitava à formação adicional de estudantes que se tornavam intérpretes e tradutores. Eles estudavam duas línguas, geralmente combinavam o Português com o Francês ou Inglês. Quer dizer, no centro de sua formação, se encontravam os estudos das línguas, incluindo exercícios práticos, aulas de conversação com estrangeiros. No caso do Português, lamentavelmente, em geral com os portugueses de Portugal. Mas nós, durante todo esse tempo, fazíamos um esforço para incluir também o Português Brasileiro e eu, inclusive, escrevi um manual bastante grande, chamado Manual de Português do Brasil, já em segunda edição, que está sendo utilizado, se bem me lembro, em 40 instituições da Alemanha Federal e até da Áustria, para formar estudantes na Língua Portuguesa falada no Brasil. Este é um lado: eu dava aulas de Português Brasileiro, entrando em conflito, às vezes, com os nossos leitores oriundos de Portugal, mas só dava essas aulas por falta de professores de Português, na primeira fase. Depois, e até hoje, eu me dedicava e me dedico à literatura e à cultura do Brasil, incluindo História e problemas atuais. É um campo bastante amplo, mas eu fico muito feliz com isso, porque de certo modo, os estudos de literatura praticamente exigem estudos de história, economia, sociologia. Fazem parte um do outro, não se podem separar. Falando em literatura, também se deve falar desses aspectos, senão ela fica afastada da vida real. E isto seria inaceitável.

Os problemas específicos que nós tínhamos antes da abertura do muro, acho que são tão particulares, tão especiais, que até se torna delicado descrevê-los. Dava-se a algumas pessoas o privilégio de passar a fronteira, ter acesso a bibliotecas, poder viajar, inclusive à América Latina, ao Brasil. Naturalmente, isso tinha um preço. Mas pessoas como eu não tinham acesso nenhum à Biblioteca Latino-Americana, a maior da Alemanha e talvez

das melhores da Europa, incluindo uma biblioteca brasileira especializada em títulos brasileiros. Esta biblioteca fica a dois quilômetros da Universidade Humboldt. Eu pedia todos os anos permissão para ter acesso, para trabalhar nessa biblioteca, mas nunca consegui. Sem falar da possibilidade de viajar ao Brasil, hipótese absolutamente impossível para mim, na época, porque eu não estava disposto a fazer concessões, no sentido de ingressar num partido político cuja política eu achava errada, de colaborar com o serviço secreto: acho que é um crime fazer esse trabalho de "dedo duro". Vocês conhecem, no Brasil, o que é isso. Então, o preço que a gente pagava era viver no isolamento. O que me salvou dessa situação foram os brasileiros. Em primeiro lugar, os imigrantes na RDA, depois de 64, com quem aprendi o Português do Brasil, com toda a dificuldade que se enfrenta, aprendendo uma língua fora do país de origem. Em segundo, o contato com intelectuais – sobretudo escritores na década de 80. Eu cheguei a ser quase um mito. Dizia-se sobre mim: "Olha, tem um tal de Engler, em Berlim Oriental, que estuda Literatura Brasileira, não tem acesso a livros, não pode sair de lá. Faça uma visita para estimular".

E eles visitavam mesmo. Ninguém pode imaginar a importância desses encontros. São inesquecíveis! Até o fim da nossa vida! (disse, trocando um olhar cúmplice com sua esposa Christina). Nós inclusive cantávamos ... O Rubem Fonseca é um exemplo. Ele nos visitou e trouxe uma gravação de canções brasileiras, que ouvíamos e escrevíamos cantando:

*"Ó canoero, canoero,
bota a rede no mar
bota a rede, bota a rede
bota a rede no mar"*

L: Caymi?

E: Sim. E eles trouxeram livros, falaram da situação do Brasil, proporcionando-nos um contato vivo, sem o qual não conseguiríamos sobreviver nem fazer nosso trabalho. Surpreendi muitos dos meus estudantes que, só na hora da conclusão do curso, descobriam que eu nunca havia visitado o Brasil. Como? Você era tão convincente que pensávamos que tinha vivido muito tempo no Brasil. Também me enviavam livros. O maior problema, atualmente, é encontrar espaço para todos esses livros em minha casa. Tenho dificuldade de desfazer-me de qualquer um deles. Cada livro tem uma história. Mas nossa casa é minúscula, apenas 53 metros quadrados no total. Difícil acomodar tantos livros. Mas antes de serem um problema, esses

livros foram riqueza, vida, dando-nos acesso a informações e até mesmo à "literatura proibida" que já existia em edições brasileiras; por exemplo, Solzenishtine e outras obras de literatura de resistência, tanto da URSS, quanto da Alemanha. Já li duas vezes o primeiro livro de Solzenishtine, em impressão anterior à atual reforma ortográfica, com os acentos tão bonitos daquele tempo. Tenho tudo isto conservado na minha biblioteca.

Vocês vêem que se tratava de um luxo, de uma possibilidade de sobreviver naquele regime. Devo à língua e à cultura brasileiras ter superado esse período difícil sem prejuízos graves. As outras pessoas não tinham esse privilégio: o acesso a outra cultura, a livros proibidos, à comunicação com outras pessoas, sem a censura direta dos serviços de segurança. Mas o problema se tornou mais grave em 87 e 88. Mesmo em condições especiais, não se consegue fazer um trabalho desse tipo eternamente. Disse a minha mulher: "acho que estou ficando abalado, sem acesso a bibliotecas, ao país, a informações. Assim, é impossível. Nos últimos tempos, escrevia pouco, fiz o Manual de Português do Brasil já citado, mas não consegui fazer um trabalho profundo. Comecei a me afastar e a entrar em conflito com o regime, porque eu queria sair da universidade e fazer tradução literária. Eu já havia traduzido Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas e Mar Morto, de Jorge Amado. A melhor obra dele. Foi uma tradução difícil porque a linguagem poética é um desafio particular.

L: Parece que você gosta de desafios ...

E: Sim, gosto de desafios. Fazem parte da minha vida. O desafio é uma fonte de força, de energia. Essa era a minha idéia em 88. Eu, que já antes falava abertamente com meus alunos, naquela fase, passei a intensificar isso.

Logo depois, apareceu em minha casa um agente secreto, aludindo às minhas aulas e ameaçando com minha expulsão da universidade, se eu não me calasse. Eu disse: "Aceito. Já que, desta forma, não aguento".

Então, ele me fez uma oferta surpreendente: "Você pode sair do país sem problemas. Nós, do serviço secreto, oferecemos uma oportunidade de viagem ao Brasil, ficar lá à vontade, recebendo em dólares e acompanhado de sua esposa. Em troca, queremos que faça um serviço muito simples para nós: um pequeno informe sobre certo colega com quem tem contato; o que diz em reuniões, o que lê, como é seu contato com os alunos e assim por diante. É coisa fácil." Tratava-se de uma tentação que seria irresistível para uma pessoa mais jovem e menos consciente. Não para mim. Eu sabia que, dado o primeiro passo, nunca mais se consegue sair desse tipo de or-

ganização. Respondi que não faria aquilo de jeito nenhum: "A oferta é muito boa, mas inaceitável para mim. Vou esperar até os 65 anos, ou seja, a idade da aposentadoria". Depois dessa idade, tínhamos toda a liberdade; não valendo mais como mão-de-obra, eles permitiam que as pessoas saíssem. "Chegando a essa idade, vou juntar todo o dinheiro que puder e ir ao Brasil, no fim de minha vida. Se morrer antes, também está certo, pois todos os cidadãos, aqui, têm essa mesma vida e morrem sem ter ido ao Brasil". No meu caso, achava um pouco trágico morrer sem ter conhecido o Brasil depois de tanto tempo e tanto esforço estudando, me dedicando ao Brasil. Mas era inevitável. Ele se retirou e dali em diante passei a falar ainda mais abertamente aos meus alunos, destacando certas passagens críticas dos textos estudados.

Essa fase final já era "provocação". Também agia assim, com o objetivo de dar exemplo aos jovens. Estudantes que só convivem com professores que têm falso engajamento, não aprendem a encontrar seu próprio caminho, nem a ter a consciência em paz.

Felizmente, aprendi a sobreviver com a consciência em paz e essa era, mais ou menos, a minha situação. Nesse tempo, publiquei mais ensaios por não ter acesso a obras importantes. De repente, veio a abertura do muro e passei a viver uma situação absolutamente contrária à anterior. Até então, nós estávamos habilitados e viver uma vida discriminada, ou seja, quem não pertencia ao partido, não podia participar da direção, não podia exercer influência sobre os programas das disciplinas, não podia viajar. Por exemplo, quando os outros colegas voltavam e contavam suas experiências na América Latina, ou na França, nós ficávamos apenas ouvindo, a um canto da sala. Com a abertura do muro, com a revolução pacífica, a situação se inverteu. Passaram a procurar exatamente aquelas pessoas que tinham sobrevivido sem oportunismo, sem engajar-se no partido etc. E contaram que eram muito poucas. No meu caso, nem era mérito próprio. Como já disse, devo isso ao Brasil, à língua e literatura brasileiras.

Fui chamado para integrar grupos dirigentes que se dedicavam à análise do passado, à elaboração de planos para o futuro. Tem sido uma fase das mais dolorosas de minha vida. Desta vez, éramos nós que tínhamos de tomar decisões sobre a vida dos outros. Primeiro, não estávamos acostumados a isso e, segundo, trata-se de uma tarefa trágica. Antes da saída para o Brasil, este ano, por exemplo, tivemos de fazer mais de 220 entrevistas individuais. Imagine o que isso significa!

Foi doloroso. Nunca, na minha vida, vi tantas lágrimas. E olhe que sou da parte oriental da Alemanha, a que pertence hoje à Polônia. Perdemos tudo, vivi todo aquele sofrimento do pós-guerra, a fome, a miséria, tudo ... Mas, desta vez, era ainda muito pior, pois tratava-se de ser ou não, digno.

L: Pode-se passar por dificuldades, mas não perder a dignidade. É isso?

E: Isso é verdade. É isso, absolutamente. Imaginem a tensão de cada encontro. Todo mundo está na fila, à espera de uma decisão. E nós só podíamos fazer, na 1ª fase, recomendações. É claro que a colaboração com o serviço secreto desempenhava um papel-chave. Além da qualificação, é claro, já que muitos trabalhavam sem qualificação, só por pertencer ao partido.

L: Agora mudou?

E: Sim, agora tudo mudou. Mas, estamos na 1ª fase de mudança, no sentido de adaptação ao sistema universitário da República Federal da Alemanha. Agora, já temos, mais ou menos, a estrutura de formação de estudantes que o outro lado tinha e ainda tem o que cria novas dificuldades para nós, pouco acostumados a esse sistema. Estamos agora no processo de aproximação e de aprendizagem, inclusive.

Bem, agora vou falar um pouco cronologicamente. Estudei em Vostok, no Instituto Latino-americano, um instituto que se dedicava, desde a década de 60, aos estudos latino-americanos. Os meus professores, em geral, especialistas em Literatura e História Hispano-americanas. Nós, depois do francês, estudávamos o espanhol, devido, também, à revolução cubana (em 1959). Nós tínhamos muito contato com cubanos, aprendemos com eles o espanhol cubano, com aquele canto característico.

Nos últimos dois anos, introduziram, como 3ª língua, três a quatro aulas, no máximo, o português de Portugal, de que, confesso, não gosto. É diferente. Não diria que são duas línguas, mas ...

L: Somos dois mundos diferentes ...

E: São duas mentalidades e eu não consigo separar a língua da mentalidade, porque a gente, falando a língua, sente o que as outras pessoas que falam essa língua também sentem. Os portugueses são muito amáveis, gosto deles, da sua hospitalidade, mas prefiro a língua do povo do Brasil. Até o humor brasileiro me atrai ...

L: E como se deu essa passagem? Primeiro, você aprendeu o português de Portugal ...

E: Não aprendi, não! (risos) Falei com o diretor de que eu não gostava, que não aguentava. Então ele me disse: "Isso não é questão de gostar ou não. Fazendo estudos latino-americanos, aprender português é obrigatório ...".

Mas eu tive muita sorte. Pouco depois, fazendo um estágio em Berlim, encontrei um colega que se tornou a forma definitiva de me dedicar ao português do Brasil.

L: Esse colega foi o primeiro contato com o português do Brasil?

E: Sim, foi o primeiro contato.

L: Em que época ocorreu isso?

E: Em 1962, mais ou menos. Esse primeiro contato foi marcante, sobretudo depois da aversão ao português de Portugal que eu já conhecia ... Ao ouvir aquele homem falar – nunca vou esquecer esse dia! – eu disse logo: "Essa é a minha língua!" Sem saber praticamente nada sobre ela.

L: Sem entender?

E: Sem entender, só ouvindo a música do português brasileiro ... O contato com ele também foi muito importante, porque ele, comparando com os portugueses, era tão diferente! ... Gostei demais da mentalidade brasileira, gostei demais!

L: Ele era professor de português?

E: Não, não, creio que era advogado, mas trabalhava em jornalismo, na época. Percebendo meu interesse, dava aulas, inclusive ensinando o básico, chamando a atenção para a diferença com o espanhol, nossa maior dificuldade, naquele tempo.

Voltei à Universidade, dizendo ao diretor que já havia tomado minha decisão. Ele, com os olhos muito surpresos: "Como?! Você havia me dito que não gostava de português!" Respondi que agora era outra coisa. Também me identifiquei logo com a literatura brasileira. Naquele tempo, claro, estavam em voga os livros de Jorge Amado. Tratava-se do ciclo da Bahia, o melhor que Jorge Amado escreveu. Lendo esses romances, descobri tudo de uma só vez. Descobri o português brasileiro, a literatura brasileira, Jorge Amado, a mentalidade brasileira, enfim. E escrevi meu trabalho de mestrado sobre Jorge Amado – ciclo da Bahia, quase do tamanho de uma tese de doutoramento. Naquele tempo, foi uma sensação: o único trabalho publicado tão rapidamente. Antes da abertura do muro, ninguém conseguia publicar nada, devido à falta de condições. E o que me impressionava

é que a última edição da Grande Enciclopédia da Literatura Universal, publicada em 1990, faz referência a esse meu trabalho sobre Jorge Amado, como fundamental. E olhe que ele foi publicado em 1965! ...

L: ... em alemão?

E: Sim, mas enviado a ele. Desde aquele tempo, mantínhamos correspondência. Ele ia me enviando todos os livros, até os de ensaio sobre sua obra. É por isso que tenho todos os livros de e sobre Jorge Amado. Jorge Amado abriu as portas da Europa para a Literatura Brasileira.

L: Ainda bem que Jorge Amado era politicamente engajado, o que levou sua obra aos países comunistas.

E: É, foi uma grande chance. Porque, naquela fase, ele era socialista, marxista, sem ter lido Marx – foi deputado pelo partido comunista, quer dizer, "era do lado de lá" e, por isso, todos os livros dele foram publicados em poucos anos.

... Um trabalho desse tipo, geralmente, é um passaporte universitário, mas, por aquelas circunstâncias já relatadas, não me permitiram entrar na Universidade e tive de trabalhar como tradutor, professor de línguas, jornalista ...

Paralelamente, dedicava-me à literatura brasileira, desta vez a Euclides da Cunha sobre quem fiz minha tese de doutoramento. Que tempo difícil!!! De dia, dando aulas, para principiantes ou técnicos, que iam trabalhar depois em Angola, Moçambique ou mesmo em Portugal. Ou seja, ganhar o pão de cada dia com o espanhol, sofrendo com isso, e voltando para casa para ler Os Sertões que não é um livro fácil! ... Consegui terminar a tese, mas com todas as limitações possíveis: sem ter livros à disposição, sem acesso a bibliotecas especializadas.

L: Você também não podia receber livros daqui?

E: Podia, mas, naquele tempo, eu não tinha muitos contatos no Brasil. Além disso, mandar um livro daqui é difícil, é muito caro e tudo o mais. Mas dei um jeitinho e consegui terminar. Já falamos de desafio. Euclides da Cunha é um grande desafio, um desafio imenso.

Só lendo Euclides da Cunha percebe-se o tamanho do desafio. Antes, já o conhecia de nome. É um nome famoso, qualquer enciclopédia de literatura tem o nome dele, o de suas obras. Mas, entrando na matéria, a coisa se torna cada vez mais difícil. Foi bom para aprender, para estudar mais profundamente os problemas do Brasil.

Com esse doutoramento, finalmente, depois da revolução de 1974 em Portugal – a Revolução de Abril – eles, de repente, estavam à procura de uma pessoa com conhecimento de português, cujo ensino, naquela altura, não existia mais. Não havia outra geração com esse aprendizado e ninguém mais sabia falar português. Então me ofereceram a oportunidade de entrar na Universidade e ensinar português, mas o de Portugal. Eu disse: "Sinto muito, mas essa língua eu não falo". Isto foi em 74, 75. Em 75, voltei para a Universidade com a permissão de ensinar o português do Brasil. Creio que pensaram: "Ah! ele está insistindo tanto, não vale a pena discutir mais, já que os portugueses entendem o português do Brasil, os africanos também e até gostam mais. Vamos deixá-lo fazer esse trabalho com o português do Brasil.

L: Mas, por que esse interesse por Portugal e África?

E: Porque, naquela época, vocês ainda tinham aqui a ditadura militar e eles queriam desenvolver a cooperação entre os partidos comunistas, prestando auxílio ao desenvolvimento dos países africanos de língua portuguesa. Em função disso, permitiram o meu trabalho na Universidade, como já disse, formando estudantes que já trabalhavam como intérpretes desde a graduação, devido à falta de intérpretes de português.

Essa fase também apresentou muitas dificuldades, porque, dando muitas aulas por semana, não havia tempo para me dedicar ao estudo de Literatura, da História etc. E, também, porque me dedicava, na época, à afrolusitanística, quer dizer, ao estudo dos países africanos de língua portuguesa, dando cursos de Literatura e História sobre as ex-colônias portuguesas. Finalmente, os primeiros estudantes formados nos meus cursos passaram a dar aulas de português na Universidade e ganhei um pouco de espaço para voltar à Literatura Brasileira e à História, no programa final de ensino de português. Mas meu tempo continuava muito, muito limitado. Eu fui, durante muitos anos, o único professor universitário de toda a R.D.A. que se dedicava aos estudos do Brasil e da África Portuguesa.

Bem, essa é a minha história. Durante esse tempo, publiquei, além daquele Manual de Literatura, uma coletânea do Conto Moderno Brasileiro, incluindo todos esses representantes da literatura "de resistência": João Antônio, Ignácio de Loyola Brandão, Lígia Fagundes Telles, Rubem Fonseca, Dalton Trevisan, J.J. Veiga ...

Foi um êxito, pois, em geral, os alemães gostam muito do Brasil, e havia poucas obras publicadas. Depois, escrevi o posfácio de Sagarana, de João Guimarães Rosa.

L: Você o traduziu também?

E: Não, Guimarães Rosa não. Só o Claus Maria Klauser conseguiu traduzir esse livro.

L: Por que você não o traduziu?

E: Ah! Guimarães Rosa é, como diz a crítica daqui, "uma ilha" - quer dizer, não pertence a uma única corrente. Eu sei que, para muitos críticos, ele faz parte do Modernismo. Mas, faz e não faz, ele é um escritor absoluto, ele escreve livros com perfeição até chocante. Para mim, ele pertence ao Regionalismo, pelo conteúdo dos seus livros. Ele mesmo diz que o conteúdo deve ser mais importante, nessa questão discutida por ele: forma x conteúdo.

Creio que ele é figura central da literatura do Brasil e, claro, sua recepção torna-se muito difícil, porque ele exige muito do leitor. Também na Alemanha. O milagre aconteceu com a tradução de C.M.K. Só através dela é que tradutores de outros países europeus conseguiram traduzir Rosa, porque, como sabem, C.M.K. tinha colaborado muito com Guimarães Rosa que, entre vinte ou trinta línguas, falava também o alemão. Então eles trabalharam juntos na tradução.

L: Essa publicação é recente?

E: Não, isso foi publicado na década de 80. Mas, ainda sobre Guimarães Rosa: eu estava acostumado a desafios, mas o posfácio foi um desafio maior ainda. São apenas 15 páginas, mas eu trabalhei nelas três ou quatro meses: lendo, relendo .. porque queria chegar a compreender o fenômeno Guimarães Rosa.

L: Você conhece o sertão mineiro?

E: Nós visitamos Cordisburgo, desta vez. Há lá um pequeno museu. E é impressionante pensar essa figura genial, saindo de um lugarzinho do interior como aquele. Isso faz parte da riqueza do Brasil, da riqueza cultural da literatura brasileira.

L: E a sua experiência com Machado de Assis?

E: Sabe, Machado de Assis foi o primeiro autor brasileiro que traduzi. Quando falava com meus amigos brasileiros sobre esse projeto, eles diziam: "Você vai sofrer!" E sofri mesmo. Está aí outro grande desafio. Uma chance dessas só se tem uma vez na vida: poder traduzir um clássico. E o melhor que há na literatura do século passado é o Memórias Póstumas de Brás Cubas. Machado de Assis é de uma atualidade! ... Desta vez, dei, aqui na USP, um curso de tradução literária, na graduação, e vimos também Machado de Assis. Ele é tão moderno!

L: Havia alguma tradução anterior?

E: Havia uma tradução dos anos 50, de Wolfgang Kayser – que eu só fui conhecer dez anos depois, intencionalmente. O professor Azevedo, da Universidade Livre de Berlim, examinou as duas traduções e preferiu a minha para ser publicada em edição de bolso: uma grande tiragem, logo esgotada. Fiquei orgulhoso. E ganhei cinco exemplares dela, além de 120 marcos ocidentais. Com esse dinheiro, comprei um relógio de mesa que até hoje tenho em minha escrivaninha. Como um símbolo. O tempo passa e as coisas mudam. Quem não aprende, pára. Quem pára, morre.

L: Você citaria outros autores ou trabalhos?

E: Graciliano Ramos é ótimo. Conheci sua filha, casada com James Amado. São Bernardo tinha sido traduzido. Conheci e apreciei José Lins do Rego, Raquel de Queiroz, Érico Veríssimo. Tenho vários projetos, como traduzir Incidente em Antares e poemas de Carlos Drummond de Andrade. Traduzir literatura é uma forma intensiva de leitura.

Homenagem

Homenagem à profa. Edith Pimentel Pinto

Lygia Côrrea Dias de Moraes*

Este artigo está sendo publicado postumamente. Edith Pimentel Pinto deixou-nos em 17 de novembro de 1992. Do que representou essa perda para os estudos de língua portuguesa dá-nos idéia uma breve relação de seus principais trabalhos publicados em livro: O Auto da Ingratidão ("Na Vila de Vitória" – Anchieta), edição crítica com que, doutorando-se, apresentou notável trabalho no campo da filologia; O português do Brasil – textos críticos e teóricos, em dois volumes (I - 1820 a 1920; II - 1920 à atualidade), coletânea comentada e acompanhada de estudo sobre as várias correntes de opinião a respeito do idioma nacional; A gramatiquinha de Mário de Andrade – texto e contexto, provinda da tese de livre-docência, em que organiza e comenta os apontamentos e esboço preliminar da obra que Mário muito anunciava e nunca chegou a escrever efetivamente.

De menor porte, mas igual excelência, foram publicados em coleção de divulgação para público amplo: o vol. VI da História da língua portuguesa (org. de S. Spina); A língua escrita no Brasil e O português popular escrito, resultantes – como os demais trabalhos – de pesquisa pessoal e original.

Por fim, já não caberia aqui arrolar artigos e outros escritos, tampouco as muitas conferências e palestras que proferiu, ou cursos que coordenou.

Sua carreira profissional iniciou-se com a licenciatura em Letras Clássicas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Dedicando-se ao magistério secundário, inicialmente em escolas particulares; ingressando depois, por concurso de títulos e provas, no estadual; exercendo por dois anos o leitorado de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira em Tübingen, na Alemanha; acumulando as cadeiras de Português e de Latim no magistério secundário oficial com a de Técnica de Redação na Faculdade de Comunicação da FAAP – Fundação Armando Álvares Penteado;

* Professora da USP – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas